



Efeitos do terremoto de 7.7 graus em 31 de maio de 1970 no Peru: 66 mil mortes no desastre com mais fatalidades dos últimos 50 anos na América do Sul



2

passado. “Desde os anos 1960, a população urbana da América do Sul é maior do que a rural”, diz Luci. “O palco maior das calamidades naturais tem sido o espaço urbano, que cresce em área ocupada pelas cidades e número de habitantes.”

A situação se inverteu quando o parâmetro analisado foi, em vez da quantidade de mortos, o número de indivíduos afetados em cada tipo de desastre. Dos 138 milhões de vítimas não fatais atingidas por esses eventos, 1% foi alvo de epidemias, 11% de terremotos e vulcanismo, 88% de fenômenos climáticos ou meteorológicos. As secas e as inundações foram as ocorrências que provocaram impactos em mais indivíduos. As grandes estiagens atingiram 57 milhões de pessoas (41% de todos os afetados), e as enchentes, 52,5 milhões de habitantes (38%). O Brasil respondeu por cerca de 85% das vítimas não fatais de secas, especialmente moradores do Nordeste, e por um terço dos atingidos por inundações, fundamentalmente habitantes das grandes cidades do Sul-Sudeste.

Estimados em US\$ 44 bilhões ao longo das cinco décadas, os prejuízos materiais associados aos quase 900 desastres con-

personas a perder a vida, 8% do total. No Brasil, 10.225 pessoas morreram ao longo dessas cinco décadas em razão de desastres naturais, pouco mais de 5% do total, a maioria em inundações e deslizamentos de encostas durante tempestades.

O trabalho foi feito pela geógrafa Luci Hidalgo Nunes, professora do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (IG- Unicamp) para sua tese de livre-docência e resultou no livro *Urbanização e desastres naturais – Abrangência América do Sul* (Oficina de Textos), lançado em meados do ano

FOTOS: LUNCEP / AFP; ZANTONIO GARDIHO / FOLIAFRRES / AFP



Seca no Nordeste (à esq.) e inundação em Caracas, na Venezuela: esses dois tipos de desastres são os que afetam o maior número de pessoas

3

tabilizados foram decorrentes, em 80% dos casos, de fenômenos de natureza climática ou meteorológica. “O Brasil tem quase 50% do território e mais da metade da população da América do Sul. Mas foi palco de apenas 20% dos desastres, 5% das mortes e 30% dos prejuízos econômicos associados a esses eventos”, diz Luci. “O número de pessoas afetadas aqui, no entanto, foi alto, 53% do total de atingidos por desastres na América do Sul. Ainda temos vulnerabilidades, mas não tanto quanto países como Peru, Colômbia e Equador.”

Para escrever o estudo, a geógrafa compilou, organizou e analisou os registros de desastres naturais das últimas cinco décadas nos países da América do Sul, além da Guiana Francesa (departamento ultramarino da França), que estão armazenados no Em-Dat – International Disaster Database. Essa base de dados reúne informações sobre mais de 21 mil desastres naturais ocorridos em todo o mundo desde 1900 até hoje. Ela é mantida pelo Centro de Pesquisa em Epidemiologia de Desastres (Cred, na sigla em inglês), que funciona na Escola de Saúde Pública da Universidade

Resumo Fapesp / n. 241

março/2016

II